



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA (UNILAB)
INSTITUTO DE HUMANIDADES - IH
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

FRANCISCO CLIMÉRIO LIMA DA SILVA

**A RETOMADA DO PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO DO POVO ANACÉ NA
CONSTRUÇÃO DA CONSCIÊNCIA ÉTNICA**

REDENÇÃO-CEARÁ

2024

FRANCISCO CLIMÉRIO LIMA DA SILVA

**A RETOMADA DO PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO DO POVO ANACÉ NA
CONSTRUÇÃO DA CONSCIÊNCIA ÉTNICA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Bacharelado em
Humanidades da Universidade da
Integração da Lusofonia Afro-brasileira,
como pré-requisito para obtenção do título
de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Roberto Kennedy
Gomes Franco.

REDENÇÃO-CEARÁ

2024

FRANCISCO CLIMÉRIO LIMA DA SILVA

**A RETOMADA DO PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO DO POVO ANACÉ NA
CONSTRUÇÃO DA CONSCIÊNCIA ÉTNICA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) na modalidade projeto de pesquisa apresentado ao curso de Humanidades, vinculado ao Instituto de Humanidades (IH), da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito final para obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Aprovado em: 25 de novembro de 2024

BANCA EXAMINADORA

Professor. Dr. Roberto Kennedy Gomes Franco - (Orientador - UNILAB)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Professor. Dr. José Joberto Montenegro Sousa (Examinador - UNILAB)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

M.^a Esp. Bianca Araújo Freires (Examinadora – Instituto Cobra Azul de Arqueologia e Patrimônio)

REDENÇÃO-CEARÁ

2024

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	5
2. JUSTIFICATIVA.....	7
3. OBJETIVOS.....	9
3.1 Objetivo Geral.....	9
3.2 Objetivos específicos.....	9
4. PROBLEMATIZAÇÃO.....	10
5. DISCUSSÃO BIBLIOGRÁFICA.....	11
6. METODOLOGIA.....	14

1. INTRODUÇÃO

O povo indígena Anacé ocupa de forma histórica e permanente o litoral cearense desde antes da chegada dos colonizadores, vivendo em uma grande faixa territorial que abrange desde a serra da Uruburetama, que fica localizado na região do ale do rio Curu até o litoral da região metropolitana de Fortaleza, em Caucaia (Studart Filho, 1966).

Atualmente organizados em três grandes aldeias, que são: Japuara, Santa Rosa e Reserva indígena, esta fundada pela reterritorialização das aldeias retiradas da área do Complexo Industrial e Portuário do Pecém (CIPP), e conta com mais de 25 comunidades.

O recorte territorial desta pesquisa abrange apenas a aldeia Japuara, distante cerca de 30 quilômetros de fortaleza, contando com 494 famílias, contabilizando aproximadamente 1.900 indígenas, usando-a como base de análise da pesquisa a ser desenvolvida. A aldeia Japuara está localizada na zona rural de Caucaia e conta com um vasto território que possuem serra, uma faixa de dunas, riachos, rios, lagoas e açudes, margeados pela CE 085 e a BR 222.

O presente trabalho visa abordar de forma reflexiva e analítica as influências da materialidade arqueológica existente na terra indígena Anacé no processo de construção da própria concepção de povo indígena que os Anacé possuem, partindo da análise da construção da identidade coletiva deste grupo étnico. As reflexões e análises serão feitas a parti da observação das relações construídas pelos Anacé com os sítios arqueológicos, com o material encontrado neles e com as formas de relação construídas pela comunidade no seu cotidiano, com a materialidade arqueológica, partindo de uma troca de saberes e de usos em modelo transgeracional. Partindo da análise do material coletado em artigos científicos, reportagens jornalísticas e entrevistas realizadas sobre o povo e o tema, buscar-se-á discutir como o povo Anacé mantém uma relação sociocultural e espírito-religiosa com estes espaços que podem ser encontrados em diversos pontos de seu território, levando aos leitores a entender a importância do território e dos objetos arqueológicos para a própria concepção de povo indígena, sendo assim um fator relevante no próprio modo de vida e cultura do povo Anacé.

O povo indígena Anacé conta com diversas práticas culturais e sociais que contribuem na manutenção e na afirmação da identidade de grupo étnico, práticas que

incluem as relações estabelecidas com diversos sítios e objetos arqueológicos encontrados no território.

O território Anacé encontrasse em processo de regularização fundiária conforme os artigos 231 e 232 da constituição federal e o decreto 1.775, de 8 de janeiro de 1996. Apesar disto ao avanço desenfreado da especulação imobiliária e o avanço industrial e Turístico, vários empreendimentos ocasionaram o sequestro de diversos materiais arqueológicos, que, para a cosmovisão Anacé, é sagrada por demonstrar a ocupação ancestral do grupo no território, oque ocasionou um pedido de repatriamento dos vestígios arqueológicos sequestrados do território.

2. JUSTIFICATIVA

O presente projeto visa compreender como a construção da identidade étnica do povo Anacé da Aldeia Japuara está ligada à materialidade arqueológica do território e como estas materialidades estão interligadas à memória cultural e ancestralidade do povo, estando na memória emocional e criando uma conexão entre passado e presente nas práticas identitárias, percebida através das relações construídas com essas materialidades.

O povo Anacé tem uma relação intimamente ligada com os achados arqueológicos que são partes do cotidiano do povo. As relações entre os Anacé e a materialidade arqueológica podem ser compreendidas através dos estudos da etnoarqueologia. O povo Anacé possui inúmeros sítios arqueológicos e objetos que foram identificados e coletados e esses objetos agenciam e são agenciados pelos Anacé. As materialidades arqueológicas identificadas se tratam de sítios milenares e de sítios e objetos de um passado contemporâneo, como taperas, cacimbas, bebedouros e veredas, assim como diversos relatos de sítios ainda não classificados, mas que contam com uma estreita afinidade territorial e social.

Apesar disto, o povo Anacé não possui a regularização do seu território e isso fragiliza as relações com todos os espaços de cultura, dentre elas a arqueológica. As materialidades arqueológicas acessíveis ao povo Anacé estão em áreas retomadas e pequenos terrenos onde as casas dos indígenas são construídas e onde os mesmos fazem suas roças. A não demarcação do território joga o povo Anacé em uma fragilidade de manutenção cultural e preservação de sua territorial, limitando ainda mais as relações com os sítios arqueológicos e outros materiais que estão dentro das grandes fazendas de posseiros.

A situação de apartamento do povo Anacé com o seu patrimônio arqueológico gerou, no ano de 2017, um pedido oficial ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) de repatriação das peças que foram retiradas do território durante o processo de implantação do CIPP, assim como de outros empreendimentos localizados dentro e as margens do território reivindicado, o pedido ainda está sobre processo junto ao ministério público federal que reconhece o povo Anacé como dono do patrimônio e o IPHAN não dão devolutivas sobre o mesmo, protelando o processo e causando uma incerteza sobre o destino das peças sagradas que estão sob posse de universidades de diversos estados do Brasil.

Este trabalho tem grande relevância para comunidade por ser específico para a análise das relações com o patrimônio material e na sua própria construção identitária, dando visibilidade a uma luta pela regularização de seu território que como um todo guarda estes patrimônios que são de imensa importância para o povo.

Socialmente, este trabalho tem relevância ao ponto que joga luz à questão arqueológica, não apenas como passado, mas como as relações que essa temática é construída dentro das terras indígenas e zonas rurais, atentando ao povo Anacé que constrói sua identidade cultural étnica e social alicerçada a memórias coletivas, tradições centenárias e relações com os achados arqueológicos, trazendo, mais uma vez ao ponto central, a não regularização territorial Anacé como um ato que debilita a manutenção dos espaços culturais e espirituais onde estão os sítios arqueológicos.

Compreender as relações que as comunidades criam com patrimônio arqueológico é de grande importância para ciências sociais e humanidades, pois compreender como estas relações são construídas e disseminadas é entender como a cultura, em geral, foi se transformando e se organizando. Quando falamos de um povo indígena a questão torna-se bastante relevante, pois ajuda a compreender como estes se veem na materialidade arqueológica, como eles interpretam e se utilizam dessa materialidade.

As relevâncias deste trabalho estão nos campos sociais e acadêmicos, assim como no campo cultural e patrimonial, sabendo que a análise adequada das formas de relações entre patrimônio e população é de extrema importância para compreender a construção cultural e identitária dos diferentes grupos sociais.

O povo aqui pesquisado trata as relações coexistentes com a memória ancestral de forma singular e que tem muito a ensinar aos pesquisadores das áreas, rompendo assim as delimitações entre ciências, este trabalho vem com uma proposta interdisciplinar e intercultural, trabalhando assim as características específicas dos Anacé e seu patrimônio material, que se conecta com diversas áreas de conhecimento da ciência moderna.

3. OBJETIVOS

3.1 Objetivo Geral

- Analisar como a construção da identidade étnica do povo Anacé está ligado à materialidade arqueológica do seu território.

3.2 Objetivos específicos

- Discutir a construção identitária do povo Anacé do território da Aldeia Japuaara;
- Entender a ideia de materialidade arqueológica a partir da perspectiva da arqueologia do presente;
- Observa as relações que o povo Anacé do território da Aldeia Japuaara mantém a materialidade arqueológica;
- Discutir a luta pela autogestão da materialidade Arqueológica do território do povo Anacé.

4. PROBLEMATIZAÇÃO

A problemática que aqui apresento para orientar esta pesquisa é: **Como a materialidade arqueológica influi na construção e reelaboração identitária do povo Anacé da Japuara? e como o passado foi acessado partindo da materialidade histórica?** Quais são e como são os elementos fundamentais na ideia de identidade coletiva e como ela faz ligação com as gerações e as tradições territoriais do povo Anacé? O exemplo de locais sagrados, chás, áreas de plantio e as práticas tradicionais e culturais, cercas, veredas, estradas e vilas, lagoas, açudes, cacimbas, matas, barreiros locais e estruturas relacionadas.

O presente trabalho visa analisar a construção da identidade étnica do povo Anacé a partir da relação com o patrimônio arqueológico identificado no território da Aldeia Japuara. Assim buscando compreender como a materialidade histórica e arqueológicas dialogam com as narrativas de pertencimento étnico e como se articulam com o território no qual eles reivindicam como pertencente a seus ancestrais.

Observar como a identidade do povo Anacé é construída e reconstruída partindo da análise dos estudos da etnicidade e da etnogênese, articulando fatores e estruturando as narrativas ali apresentadas para compreender o povo Anacé.

Analisando igualmente como os repasses dos conhecimentos do povo Anacé da Aldeia Japuara são feitos de forma intergeracional, observando as práticas educativas do povo e de inclusão de saberes na rotina da comunidade, buscando fazer uma ligação entre patrimônios arqueológicos, memória, educação indígena e identidade.

5. DISCUSSÃO BIBLIOGRÁFICA

O povo Anacé é um dos 16 povos indígenas do estado do Ceará, e tem sua identidade fortalecida por sua relação com o território que ocupa, assim também como as relações afetivas com o encantaria e práticas tradicionais que rotineiramente executam de forma que cada pedaço do território reivindicado tem suas características tradicionais e ritualísticas distintas, mas nem sempre foi assim.

Por mais de 100 anos o povo Anacé teve sua identidade omitida por medo de repressão de fazendeiros locais, isso teve vários impactos na vida dos Anacé, incluindo a quase perda da identidade indígena, pois tal povo já não conseguia executar práticas e rituais necessários para a manutenção étnica.

Este processo foi rompido em três etapas distintas com a reorganização política de três núcleos Anacé. O primeiro no início da década de 1990, o segundo no fim da década de 1990 e o último no início dos anos 2000. Os grupos, por mais distintos socialmente que fossem, faziam parte do mesmo povo com ligações familiares diretas e culturais semelhantes, podendo, em um determinado momento ser considerado um só grupo.

O povo Anacé tem suas primeiras aparições na história nacional quando é citado pelo padre Antônio Vieira na missão serra da Ibiapaba, como afirmou o historiador Studart Filho (1966). A vinculação do povo Anacé aos Anacé descrito por Vieira teve influências de uma série de achados arqueológicos em várias comunidades, o que suscitou o questionamento base dessa pesquisa de como a identidade do povo Anacé está vinculado ao patrimônio material arqueológico. Para chegar a uma resposta iremos pontuar questões para compreender a construção da identidade étnica dos povos do Nordeste:

No Nordeste, contudo, os “índios” eram sertanejos pobres e sem acesso à terra, bem como desprovidos de forte contrastividade cultural. Em uma área de colonização antiga, com as formas econômicas e a malha fundiária definidas há mais de dois séculos, o órgão indigenista atuava apenas de maneira esporádica, respondendo tão-somente às demandas mais incisivas que recebia. Mesmo nessas poucas e pontuais intervenções, o órgão indigenista tinha de justificar para si mesmo e para os poderes estaduais que o objeto de sua atuação era efetivamente composto por “índios”, e não por meros “remanescentes”(Oliveira, p.52, 1998).

Para compreender a construção do conceito de identidade, recorrer-se-á as reflexões do Antropólogo Miguel Alberto Bartolomé, que descreve a questão identitária dos povos do Nordeste como algo que sempre existiu, apenas foi reorganizadas.

[...] sociedade envolvente – não implica o enfraquecimento automático das identidades étnicas, mas sua reformulação em um novo contexto que ela qualifica como “cultura do contato”. Todavia, a antropologia e as políticas públicas tendem a esquecer, ou a não reconhecer, essas presenças étnicas não mais redutíveis aos arquétipos indígenas nacionais representados pelas aldeias amazônicas. Assim, as etnogêneses nordestinas não foram senão a emergência política de identidades étnicas antes irreconhecíveis para o exterior devido à transfiguração cultural. “nações sem Estado” (Bartolomé, p. 49, 2000).

Debater-se-á a construção dessas identidades em Caucaia e em todo território cearense por meio das reflexões de João Pacheco de Oliveira em sua obra “A viagem da volta” (2004), que trata da reorganização política dos povos do Nordeste, compreendendo a reorganização da identidade étnica do povo Anacé, o que induz a debater sobre a etnicidade e sua etnogênese, usando como referência e base para discussão o autor, Jean Carlos Moreno principalmente no seu texto “Revisando o conceito de identidade Nacional” (2014) quando ele diz que “Os diversos sujeitos sociais conduzem suas experiências por representações atribuídas, auto atribuídas e compartilhadas a respeito de quem são e de quem podem ou desejam ser” (p.07, 2014).

Um conceito importante a ser trabalhado será o de etnogênese, que será tratada aqui a partir dos escritos de Miguel Alberto Bartolomé, que apresenta as inúmeras facetas desse conceito, tratando a temática de forma concisa, desviando-se do romantismo ou pensamentos céticos de pensadores coloniais.

A etnogênese, entendida como construção ou reconstrução identitária, constitui tema sumamente complexo e não se presta a uma interpretação unívoca. Nesse sentido, creio, devemos afastar-nos um pouco das tradicionais explicações baseadas nas perspectivas das “comunidades imaginadas” de Anderson (1993) ou da “invenção da tradição” cunhada por Hobsbawm e Ranger (1983) Assim, em suas pesquisas sobre etnogênese no Suriname, Whitehead conclui que não se pode distinguir entre o primordialismo ou o instrumentalismo na configuração das novas identidades ameríndias resultantes do processo de colonização (1996:34) (Bartolomé, p,54, 2006).

Entendendo assim que a etnogênese e a identidade está vinculada à luta por dignidade, que outrora foi roubada ou negada pelo processo colonial, podemos trazer para essa pesquisa as reflexões de Whitehead (1996:34), quando se refere aos povos colonizados pela Espanha, onde podemos fazer a comparação com a realidade do Ceará:

Nesses casos, as identificações não se “inventam”, mas se atualizam, embora a atualização não recorra necessariamente a um modelo pré-hispânico já inexistente. Recupera-se um passado próprio, ou assumido com próprio, a fim de reconstruir um pertencimento comunitário que permita um acesso mais digno ao presente

.(Whitehead 1996: *Apud* Bartolomé, pagina 57, 2006).

Dessa forma podemos entender que identidade étnica está, também, vinculada à materialidade arqueológica e que os sítios e vestígios arqueológicos possuem uma força que movimenta as gerações, se percebida como uma arqueologia do presente. Alfredo Gonzalez Ruibal define arqueologia do presente como uma arqueologia que:

[...] não tem como objetivo principal produzir comparativos com os povos do passado. Essa vertente estuda todo o mundo atual, sociedades não modernas e, também, capitalistas; não objetiva realizar distinções drásticas entre o passado e o presente, pois um não está a serviço do outro; procura superar a biografia dos artefatos; e busca analisar as intrincadas relações históricas entre as pessoas e os objetos, assim como busca entender as mudanças, o contato cultural e a hibridação (Gonzalez Ruibal, 2009).

Além de pensar a identidade entrelaçando a arqueologia do presente, podemos pensar juntamente com a etnoarqueologia, um modelo mais próximo da realidade dos povos indígenas e em específico o povo Anacé.

Contudo, nas últimas décadas, alguns grupos sociais emergiram, destruindo as pretensões da homogeneidade que a História e a Arqueologia, além de outras disciplinas sociais, procuraram construir, lutando por papéis ativos na história e reivindicando a consideração das suas vozes na construção do passado. Por consequência, nos últimos anos a Arqueologia vem ganhando novas reflexões e discussões sobre sua postura política e social (FERREIRA; FUNARI, 2009).

Apesar de ser a etnoarqueologia uma corrente que pesquisa o outro, levando em considerações as marcas coloniais e de opressão sofridas pelos povos assim chamados de colonizados.

6. METODOLOGIA

A presente pesquisa visa ter como instrumentos metodológicos a Etnografia como metodologia principal, partindo da observação participante e das técnicas de entrevistas semiestruturadas, buscando trazer luz junto a fotografias e relatos colhidos em campo, pesquisa bibliográficas, consulta a documentos de distintos acervos, e o uso do etnomapeamento.

Tendo como principal instrumento de coleta de dados a entrevista e trabalho de campo, também buscarei trazer como ferramenta secundária uma pesquisa de documentos enviados ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), Fundação Nacional dos Povos indígenas (FUNAI) e Ministério Público Federal (MPF) sobre a repatriação das coleções de peças retiradas do território, também trazendo fontes de reportagens e publicações em redes sociais que abordem a temática e o povo Anacé, para alcançar os resultados esperados por este trabalho.

Após a realização da inserção de campo deverá ser realizada a sistematização de tudo que foi colhido por entrevistas, observações e vivências, finalizando assim o período de escrita e sistematização dos dados.

Tudo ocorrerá em um período de 12 meses até a conclusão do objetivo aqui já relatado. Contaremos ainda com o auxílio do próprio povo Anacé para a realização e discussão da temática, tornando assim uma pesquisa mais interativa.

Para a pesquisa também será feita visitas a sítios e casas onde pode se encontrar alguns desses artefatos guardados ou ao ar livre, assim como lugares sagrados e rituais do povo Anacé, podendo documentar esses momentos através de fotografias para enriquecer o material da pesquisa.

Serão entrevistados os troncos velhos, lideranças, professores e outros agentes envolvidos no processo.

Assim, o presente trabalho visa dialogar e expor as questões que se referem a etnogênese e povo Anacé depois de anos em silenciamento étnico, fazendo diálogos com os termos etnogêneses, sugerido por Henyo Trindade e João Pacheco de Oliveira, debatendo ainda a construção da ideia de identidade e organização social, debatendo como este povo se relaciona com o patrimônio material e arqueológico que se encontra em seus territórios.

Busca-se igualmente dialogar com as ideias de etnoarqueologia, arqueologia do presente e métodos de ensino e aprendizagem, assim debatendo e cruzando as informações

para construir a identidade coletiva do povo Anacé, dialogando diretamente com os métodos tradicionais de ensino e manuseio destes artefatos e desta identidade que se constrói ao longo dos séculos.

Dialogando com as referências de identidade e povos indígenas do Nordeste já trazidas por João Pacheco e Henyo Trindade, com as referências de Ruibal Gonzalez etnoarqueologia e arqueologia do presente pretende-se assim desenvolver esta pesquisa de forma eficaz para tentar entender os fatores que se ligam e se fundem quando nos referimos a povo Anacé e patrimônio arqueológico, memória e identidade, pertencimento e território.

7. REFERENCIAS

BARRETO FILHO, Henyo Trindade . **Tapebas, tapebanos e pernas-de-pau de Caucaia, Ceará: da etnogênese como processo social e luta simbólica**. Brasília: UnB, 1994. 32 p.

Disponível em:

<https://acervo.socioambiental.org/acervo/documentos/tapebas-tapebanos-e-pernas-de-pau-de-caucaia-ceara-da-etnogenese-como-processo> Acesso em: 15 out. 2024.

BARTOLOMÉ, Miguel Alberto. **As etnogêneses: velhos atores e novos papéis no cenário cultural e político**. *Mana*, v. 12, p. 39-68, 2006. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/mana/a/fGbD5TshWKbCXScWRZt9hGH/abstract/?lang=pt> Acesso em: 15 out. 2024.

FERREIRA, Lúcio Menezes e Funari, Pedro Paulo Abreu. Arqueologia como prática política. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, 2009, v. 4, n. 1, pp. 9-12 Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bgoeldi/a/tMS4zTyh4yLxvrJ4PPGwx5d/> Acesso em: 15 out. 2024.

ROCHA, Luiz Carlos Medeiros da; SCABELLO, Andréa Lourdes Monteiro. RUIBAL, Alfredo Gonzáles. La experiencia del otro: una introducción a la etnoarqueología. Madri: Ediciones Akal. 2003, 177p. **Revista Ñanduty**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 134–135, 2013.

Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/nanduty/article/view/2296> . Acesso em: 6 dez. 2024.

RUIBAL, Alfredo González. De la etnoarqueología a la arqueología del presente. **Mundos Tribales**, p. 16, 2008. Disponível em:

https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=De+la+etnoarqueolog%3%ADa+a+la+Arqueolog%3%ADa+del+presente&btnG= Acesso em: 20 out. 2024.

MORENO, Jean Carlos. Revisitando o conceito de identidade nacional. **RODRIGUES, Cristina Carneiro. LUCA, Tania Regina de. GUIMARÃES, Valéria. orgs. Identidades brasileiras: composições e recomposições [online]**. São Paulo: Editora UNESP, p. 7-29, 2014. Disponível em:

https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=Revisitando+o+conceito+de+identidade+nacional&btnG= Acesso em: 22 out. 2024.

OLIVEIRA, João Pacheco de. Uma etnologia dos "índios misturados"? Situação colonial, territorialização e fluxos culturais. **Mana**, v. 4, p. 47-77, 1998. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/mana/a/LXbFMZgsrbyVpZfdbdjy6zm> Acesso em: 22 out. 2024.

RUIBAL, Alfredo González. De la etnoarqueología a la arqueología del presente. **Mundos Tribales**, p. 16, 2008. Disponível em:

https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=De+la+etnoarqueolog

%C3%ADa+a+la+Arqueolog%C3%ADa+del+presente.&btnG= Acesso em: 24 out. 2024.

SANTANA, I. V. F.; NETO, P. V. A.; AGUIAR, R. S.; SOUSA, V. L. de. 2010. A Luta Anacé frente aos “imPACTos” industriais. **Anais da I Conferência Nacional de Políticas Públicas contra a Pobreza e a Desigualdade**, CCHLA/UFRN. Natal. Disponível em: <http://www.cchla.ufrn.br/cnpp/pgs/anais/Artigos%20REVISADOS/A%20Luta%20Anac%C3%A9%20frente%20aos%20%E2%80%9CimPACTos%E2%80%9D%20industriais.pdf> Acesso em: 23 out. 2024.

SCHRÖDER, Peter. A viagem da volta: etnicidade, política e reelaboração cultural no nordeste indígena. **Revista de Ciências Sociais**, [S. l.], v. 32, n. 1/2, p. 143–145, 2018. Disponível em: https://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Aoliveira-1999-viagem/Oliveira_1999_AViagemDeVolta.pdf Acesso em: 22 out. 2024.